

# CRUZAMENTO ENTRE PÚBLICO E PRIVADO: O DISCURSO SOBRE POLÍTICA DA MINISSÉRIE O BRADO RETUMBANTE

CROSSING BETWEEN PUBLIC AND PRIVATE: THE POLITICS SPEECH ON THE MINISERIES O BRADO RETUMBANTE

CRUZAMIENTO ENTRE PÚBLICO Y PRIVADO: EL DISCURSO SOBRE POLÍTICA DE LA MINISERIE O BRADO RETUMBANTE

## Guilherme Fumeo Almeida

■ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS). Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo e mestre em Comunicação e Informação pela mesma instituição. Integra o Grupo de Pesquisa em Processos Audiovisuais – PROAv-UFRGS. Bolsista CAPES.

■ E-mail: [almeidaguif@gmail.com](mailto:almeidaguif@gmail.com)

## Miriam de Souza Rossini

■ Professora Associada do Departamento de Comunicação e do PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Processos Audiovisuais (PROAv – UFRGS). Bolsista Produtividade do CNPq. Autora de artigos e capítulos de livro sobre cinema brasileiro, cinema e história e sobre as relações entre televisão e cinema no Brasil..

■ E-mail: [miriams.rossini@gmail.com](mailto:miriams.rossini@gmail.com)



## RESUMO

Este texto discute o atravessamento entre público e privado na construção de um discurso sobre a política a partir do protagonista da minissérie *O Brado Retumbante*. O debate é articulado pela dimensão histórica do público e do privado (Sennett, 2014), pela natureza da política (Arendt, 2008) e pelo desenvolvimento do conceito de *homem cordial* (Buarque de Holanda, 1995). A problematização de tais temas, feita através tanto da análise da minissérie como um todo quanto do exame mais detalhado de duas cenas, permite a percepção de pontos como a confusão entre comportamento público e personalidade privada.

**PALAVRAS-CHAVE:** MINISSÉRIES; *O BRADO RETUMBANTE*; ESFERA PÚBLICA; ESFERA PRIVADA.

## ABSTRACT

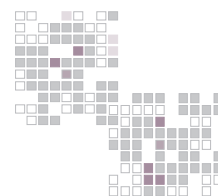
This text discusses the crossing between public and private in the construction of politics discourse from the protagonist of the miniseries *O Brado Retumbante*. The debate is articulated by the historical dimension of the public and of the private (Sennett, 2014), by the nature of politics (Arendt, 2008) and by the development of the concept of *cordial man* (Buarque de Holanda, 1995). The problematization of such themes, made through both the analysis of the miniseries as a whole and the more detailed examination of two scenes, allows the perception of points such as the confusion between public behavior and private personality.

**KEYWORDS:** MINISERIES; *O BRADO RETUMBANTE*; PUBLIC SPHERE; PRIVATE SPHERE.

## RESUMEN

Este texto discute el dialogo entre público y privado en la construcción de un discurso sobre la política a partir del protagonista de la miniserie *O Brado Retumbante*. El debate está articulado por la dimensión histórica del público y del privado (Sennett, 2014), por la naturaleza de la política (Arendt, 2008) y por el desarrollo del concepto de *hombre cordial* (Buarque de Holanda, 1995). La problemática de tales temas, hecha a través tanto del análisis de la miniserie como un todo cuanto del examen más detallado de dos escenas, permite la percepción de puntos como la confusión entre comportamiento público y personalidad privada.

**PALABRAS CLAVE:** MINISERIES; *O BRADO RETUMBANTE*; ESFERA PÚBLICA; ESFERA PRIVADA.



## 1. Introdução

Dirigida por Gustavo Fernandez e escrita por Euclides Marinho com a colaboração de Denise Bandeira, Nelson Motta e Guilherme Fiuzza, a minissérie *O Brado Retumbante* foi exibida pela Rede Globo em oito episódios com duração média de 40 minutos, entre 17 e 27 de janeiro de 2012. A trama é centrada na transformação do deputado federal Paulo Ventura, presidente da Câmara dos Deputados, em herói nacional, quando o presidente e o vice da república de um fictício Brasil morrem em um acidente de helicóptero.

Dedicado a moralizar a vida política brasileira, Ventura se impõe como paladino da luta contra a corrupção, sofrendo ataques mil, mas sempre sobrevivendo, fortalecendo sua personalidade heroica e honesta. Além do enfoque em uma representação melodramática da política, enquanto luta do bem contra o mal, a minissérie constrói, através da trajetória política e pessoal do Presidente Ventura, uma união entre as esferas pública e privada. Esta união será analisada no artigo demonstrando como é feita, na minissérie, a construção da vida privada do presidente, e o seu entrelaçamento com a sua atividade pública. Em tempos de crise política e institucional, parece ser cada vez mais importante compreender a dimensão privada dos políticos, a fim de entender melhor como e porque se comportam de determinada maneira, enquanto indivíduos, os responsáveis por ocupar cargos públicos de grande poder. Nesse sentido, se justifica analisar como, ao unir o público e o privado através de sua personagem presidencial, *O Brado Retumbante* investe na construção de um determinado discurso sobre a atividade política e sobre os políticos.

Roteirista principal da minissérie, Euclides Marinho escreve há mais de quatro décadas para a televisão, trabalhando com diferentes gêneros e formatos. Com o tempo, tramas sobre o universo feminino se tornaram seu foco principal, muitas no gênero comédia romântica. Como forma de

mudar de temática, Marinho se propôs a fazer uma minissérie que refletisse sobre o contexto político brasileiro. Em entrevista a Daniel Japiassu publicada no jornal *Estado de São Paulo* (23 jan. 2012), o roteirista (2012) destacou que era necessário mostrar as relações humanas presentes na vida de um político – como se fosse possível não fazê-lo –, mas pensando tal construção a partir de uma ideia *familiar*: “as pessoas gostam muito do lado privado das figuras públicas. Do tipo: ‘O que será que rola entre quatro paredes quando o presidente está com a família?’ . Existe muita curiosidade”.

Para este artigo, será construída a articulação entre uma base teórica que discute a consolidação histórica das noções de público e privado, a partir das considerações de Richard Sennett (2014), dos estudos de Hannah Arendt (2008) sobre a natureza da atividade política e do caráter da ideia de apolítico, e de Sérgio Buarque de Holanda (1995) sobre a formação de um pensamento político brasileiro através do conceito de *homem cordial*. Esses conceitos nortearão a análise da trama da minissérie, enfocando: a) a representação das personagens políticas exemplificada pela construção do Presidente Ventura; e b) o modo como essa trama é construída nos seus aspectos técnico-estéticos.

A partir de duas cenas, presentes no quinto e no sétimo episódios, será possível desenvolver pontos centrais da faceta privada das personagens políticas da minissérie, com foco nos dilemas pessoais de Paulo Ventura. As duas cenas são exemplares da representação do protagonista de *O Brado Retumbante* no que diz respeito à aproximação constante das esferas pública e privada e à fusão dos comportamentos políticos e pessoais. São elas: a que ilustra o processo de aceitação de Ventura da transexualidade de sua filha Julie, no quinto episódio, e a que mostra o sentimento de abandono do presidente após ser deixado pela esposa, no sétimo episódio.



## 2. Declínio do homem público, político versus apolítico e homem cordial

Em suas considerações sobre o desenvolvimento histórico das noções de público e privado e o fenômeno moderno de declínio do conceito de *homem público*, Richard Sennett (2014) destaca que o fim do equilíbrio entre o público enquanto *criação* humana e o privado como *condição* humana, a partir de um crescimento das demandas por liberdade, a partir do século XVIII, resultou em uma fusão entre comportamento público e personalidade privada. Tais demandas e fusão causaram, paulatinamente, o esvaziamento da noção de público, enquanto uma plateia com força ativa, e o desgaste da busca pelo controle da ordem pública, com as pessoas se protegendo em escudos contra essa mesma ordem.

Entre esses escudos, destaque para a família, que foi consolidada no século XIX como ambiente moralmente superior ao espaço público. Postas em um pedestal, as relações familiares se firmaram enquanto a ordem ideal, unindo a estabilidade e a privacidade, a segurança das *boas relações*, que eram consideradas livres da mesquinhez e da imprevisibilidade das ações travadas na esfera pública.

Com a substituição da vida pública por uma sociedade intimista, houve o crescimento do narcisismo e, ao mesmo tempo, o fim da expressão de sentimentos entre os indivíduos, causando uma confusão entre comportamento público e personalidade privada cada vez mais acentuada justamente por ser naturalizada e não detectada. Para que haja essa mobilização narcisista, destaca Sennett (2014, p. 378), e para que, dessa forma, “as pessoas se concentrem em tonalidades intangíveis do sentimento e da motivação, é preciso que se coloque em suspenso um certo sentido de ego grupal”.

Como consequência, passou a imperar um clima de estranhamento e ameaça nas relações interpessoais, seja com o Estado, seja com um

desconhecido. O que é de fora se transforma automaticamente em desagradável, enquanto o prazer, o agradável, é depositado apenas na esfera privada – espaço único para reflexão e descoberta da autenticidade dos sentimentos particulares. A sociedade passa, então, a ser menos importante que o indivíduo, dentro de uma obsessão com pessoas, e não com projetos ou relações interpessoais, que impacta inclusive a percepção sobre aqueles que ocupam cargos públicos.

Em sua análise da natureza da política, bem como de seus limites e dos elementos que podem causar sua ruína, Hannah Arendt (2008) relaciona a valorização dos indivíduos enquanto coletivo diverso com o privilégio da própria política. É através dela, destaca Arendt, que indivíduos heterogêneos podem coexistir e se organizar politicamente, selecionando atributos em comum a partir de uma série de diferenças. A política, portanto, não surge *dentro* dos indivíduos, e sim *entre* eles, se caracterizando enquanto o espaço de condução dos assuntos humanos.

Ao tomar esta forma, tal feição como espaço, a política também fica exposta às tensões que ocorrem com o seu exercício e que também podem desvirtuá-la enquanto atividade. Neste sentido, a autora destaca o perigo de os corpos políticos se desenvolverem à semelhança de um comportamento familiar, sendo a família um espaço que não se abre para a diferença, para a convivência, nas mesmas condições, de indivíduos heterogêneos.

Além de estabelecer a família como antítese da política, Arendt alerta para a emergência de um comportamento apolítico, que coloca os problemas do indivíduo no centro das preocupações, e não do mundo enquanto o espaço coletivo de todos os indivíduos. Esta análise da autora de um comportamento apolítico se aproxima do indivíduo ensimesmado apontado por Sennett, dentro de um sentimento de preocupação maior com a noção de privado que com a de público, de grupo.



No Brasil, essa discussão tem o seu contorno próprio, como demonstra a análise, já clássica, que Sérgio Buarque de Holanda (1995) faz da formação de um pensamento político brasileiro em relação a uma suposta cordialidade consolidada como comportamento dentro desta formação. Buarque de Holanda, contudo, dissocia o chamado *homem cordial* das noções de *boas maneiras*: ele é símbolo, antes de tudo, de um modelo emotivo de fuga à coerção da civilidade. Avesso ao ritualismo e à polidez, por mais que aparente o contrário, “no “homem cordial”, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p. 147).

Apesar da aptidão para a vida social, o *homem cordial* é extremamente apegado a um senso doméstico de personalidade, no qual prepondera a valorização das afinidades emotivas. Com isso, o indivíduo é o grande privilegiado também no espaço público, no qual se exalta “a personalidade individual como valor próprio, superior às contingências” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p. 157).

Os contornos observados na discussão teórica deste item, especialmente os relacionados às relações entre o público e o privado, se fazem presentes nas narrativas ficcionais, com uma tendência de sobreposição de questões de distinção pública na caracterização privada de homens públicos. Essa tendência também se relaciona com a construção de um tipo de indivíduo heroico, inserido em uma ideia de luta do bem contra o mal, como no caso de *O Brado Retumbante*, conforme será exposto na análise a seguir.

### 3. Os dramas de Ventura: a esfera privada do político em *O Brado Retumbante*

A trama de *O Brado Retumbante* se passa num Brasil fictício, que tem o Rio de Janeiro como

sede do governo federal. Enquanto recria o espaço em que ocorre a trama, o enredo mantém muitas das questões e disputas políticas do país ao qual efetivamente se refere. É nesse mundo invertido que a atividade política ganha tons melodramáticos, ao mesmo tempo em que leva aos limites da tragicomédia e da aventura a eterna luta do bem contra o mal, com o último sendo a regra e o primeiro a exceção, pois, na minissérie, política é sinônimo de corrupção, de vilania, de interesses escusos. Com sua construção política eminentemente negativa, *O Brado* possibilita que suas representações sobre a atividade e aqueles que a exercem sejam visualizados também a partir de uma ótica privada, especialmente no caso do seu protagonista.

O discurso da minissérie sobre a política e os políticos pode ser contextualizado pelas considerações de Monica Kornis (2000) e Maria Cristina Munglioli (2009) acerca da construção de identidades nacionais nas minisséries brasileiras, especialmente as produzidas pela Rede Globo. Segundo Kornis, a emissora se adornou de um papel de contadora de uma história brasileira, construindo a memória sobre o passado nacional e sobre o imaginário da política brasileira como um todo. Assim, a Globo investiu na criação de um pertencimento nacional estruturado por um molde realista e melodramático.

Munglioli, por sua vez, aponta as minisséries enquanto espaço de produção de sentidos sobre uma identidade brasileira, através da criação de um discurso complexo do país como povo e nação. Nestas narrativas seriadas, marcadas pela verossimilhança, são abordados elementos do dia a dia nacional, como questões sociais e éticas, na construção de um *discurso sobre o Brasil* através da mediação ficcional do cotidiano e da realidade. Estes aspectos são perceptíveis na trama de *O Brado Retumbante*.

Em sua configuração enquanto símbolo de luta contra a corrupção, Paulo Ventura (Domin-



gos Montagner, *Imagem 1a*) também é retratado em suas agruras pessoais, e é essa construção do homem por trás do presidente que será problematizada ao longo da análise. Advogado especializado em causas relacionadas aos direitos humanos, Ventura é convidado pelo amigo e ex-sócio, Floriano Pedreira (José Wilker), então ministro da justiça, a trabalhar no ministério. Quando descobre um esquema de corrupção na pasta e o ministro abafa o caso e demite o amigo, Ventura denuncia o escândalo e cria um *blog*, que recebe milhões de acessos, e isso o torna o deputado mais votado do país. Em uma jogada dos líderes do congresso, que o viam como um inofensivo defensor da moralidade pública, Ventura é eleito presidente da câmara dos deputados.

Antes de chegar à presidência, o ex-advogado estava desiludido com a política, preferindo a bebida e as mulheres à atividade parlamentar. O momento em que o melhor amigo e futuro Ministro da Casa Civil, Aires Saldanha (Cacá Amaral), chega no seu quarto de hotel para lhe avisar que

Imagem 1a a 1c. Paulo, Antonia e Julie Ventura



1a



1b



1c

Fonte: DVD de *O Brado Retumbante* (2012)

o Presidente Montesanto e seu vice morreram em um acidente de helicóptero, é emblemático: dormindo depois de esvaziar boa parte de uma garrafa de whisky, Ventura é salvo do alcoolismo e da solidão por uma fatalidade<sup>1</sup>.

Em seguida, o presidente acidental voa até o Rio de Janeiro e pede para a ex-esposa, a historiadora Antonia (Maria Fernanda Cândido, *Imagem 1b*), morar com ele no palácio presidencial<sup>2</sup>. Ele insiste e a historiadora concorda em interromper a separação e retomar o casamento de décadas. No entanto, ela aceita voltar a viver com o marido mas apenas durante os quinze meses do mandato presidencial dele e com duas condições: que ele não a envergonhasse com suas aventuras extraconjugais e que trouxesse de volta ao Brasil o filho do casal, Júlio, que ambos ainda não sabem que passou por um processo de mudança de sexo e se tornou Julie (Murilo Aremacollo, *Imagem 1c*).

Reconciliado, o novo casal presidencial dá ânimo para o futuro herói embarcar na sua luta contra o mal, contra a corrupção. Como o exemplo da família Ventura mostra – o que também será explorado em outro momento desta análise –, os acontecimentos da esfera privada, em *O Brado Retumbante*, desde seu início, impactam diretamente no âmbito público, tendo, muitas vezes, a função de amparar a figura política do seu protagonista.

Com o sugestivo título *O público e o privado*, o segundo episódio da minissérie problematiza a correção de Ventura enquanto homem público, ao não interferir quando a filha Marta (Juliana Schalch), que tem transtorno de bipolaridade, é presa por agredir uma vizinha. Marta e Antonia ficam furiosas com ele, que é visto como intransigente, mas o presidente não muda de ideia. O público e

1 Como aponta Ibsen Pinheiro (2012), ele próprio ex-presidente da Câmara dos Deputados, tal fatalidade não ocorreria no Brasil real: protocolarmente, é proibido que o presidente e o vice viajem juntos.

2 Em *O Brado Retumbante*, a residência do presidente da república foi transferida, pelo antecessor de Ventura, para o Rio de Janeiro, no fictício Palácio Guanabara.



o privado podem se cruzar de formas problemáticas em *O Brado Retumbante*, e as ações do político têm impacto direto nas suas relações familiares.

#### 4. O Privado em debate: análise de duas cenas

No terceiro episódio, depois de sofrer um atentado em que é atingido por um tiro, Ventura é operado, passa alguns dias no hospital e se recupera, voltando ao palácio e à presidência. Após um curto período de aparente estabilidade pessoal e profissional, o presidente tem que enfrentar, no quinto episódio, dilemas simultâneos nas esferas pública e privada. Na mesma entrevista coletiva em que fala sobre um conflito iminente na fronteira com a Bolívia do Sul<sup>3</sup>, onde dois soldados brasileiros foram mortos por uma guerrilha do país vizinho fictício envolvida com o narcotráfico, o presidente é informado por uma jornalista de que seu filho, Júlio, estava de volta ao país.

Ao mesmo tempo em que tem que lidar com a situação na fronteira – pressionando o presidente da Bolívia do Sul para punir os responsáveis e evitar um conflito armado –, Ventura é confrontado com o retorno repentino do filho, que saiu de casa depois de brigar com o pai, que não aceitava sua homossexualidade, e foi morar nos Estados Unidos. Ao rever Júlio, o presidente não tolera que ele tenha feito uma cirurgia de mudança de sexo e se tornado Julie. Em processo de choque ao tomar conhecimento da transexualidade de Julie, chamando a filha de anormal, Ventura aos poucos aceita a situação, sentindo-se culpado pelo próprio preconceito depois que a filha é espancada e sofre graves ferimentos.

Ao longo de 2min2s, a cena analisada a seguir mostra o pronunciamento televisivo de Ventura,

após a resolução do problema na fronteira com a Bolívia do Sul e a recuperação de Julie, que também conseguiu, com um juiz amigo do pai, a autorização para a mudança de nome. Nesta cena, a minissérie continua seguindo a sua tendência de tratamento das esferas pública e privada através do seu protagonista: as duas andam juntas, sendo o pai e o esposo o mesmo homem que salva o país que preside de um conflito armado.

Após comemorar a solução do caso na Bolívia do Sul, Ventura não faz rodeios para falar do conflito familiar: “eu errei profundamente em um aspecto da vida onde homem nenhum pode errar: eu errei como pai”. Ao usar a situação da filha para abordar o preconceito sofrido por homossexuais e transgêneros, o presidente adota uma postura humilde e magnânima, reconhecendo seus erros, pedindo desculpas públicas para Julie e para todas as vítimas deste tipo de preconceito, desejando um mundo melhor, mais tolerante aos diversos tipos de comportamentos humanos. Aveso a rituais pomposos, Ventura é mostrado como alguém que se arrepende de seus erros, que está disposto a mudar, como ao aceitar a transexualidade da filha publicamente, ressignificando sua postura enquanto pai e homem público.

Dentro desta construção de exaltação da personalidade do presidente-pai, que reconheceu os próprios preconceitos e se arrependeu deles, *O Brado Retumbante* também transforma em pública uma questão privada. Considerando a classificação de Arendt (2008) da política como o espaço para a condução dos assuntos humanos e de respeito das diferenças entre os indivíduos, Ventura politiza um assunto originalmente pessoal. Em suas desculpas, ao se dirigir a todas as vítimas de homofobia, o presidente se posiciona não como pai, mas como homem público preocupado com um problema coletivo, que não atinge apenas sua filha.

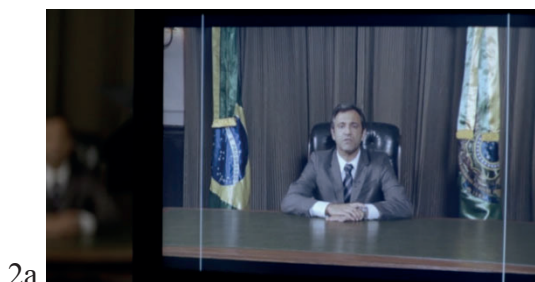
O tratamento do tema é acompanhado por uma construção audiovisual de certa complexidade: ao mostrar o início do pronunciamento a partir do

<sup>3</sup> Neste caso, a imagem do país fictício é moldada enquanto uma paródia dos países latino-americanos, e seu mandatário, o presidente Sepúlveda Navarro, que se auto proclama *el hombre*, é uma caricatura do caudillo latino-americano.

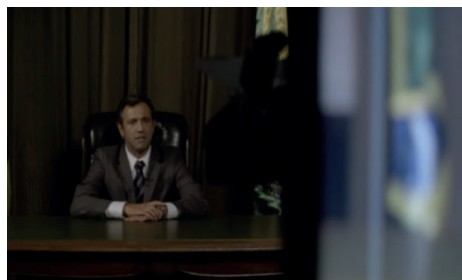
local onde ele é dado por Ventura e, em seguida, pela tela da televisão na sala da casa de Marta, onde Julie e Antonia assistem à transmissão; a cena foca tanto no conteúdo do discurso, em planos gerais e médios (Imagens 2a, 2b, 2c e 2e), quanto nos seus efeitos na esposa e, principalmente, na filha do presidente, que chora ao ver o pai reconhecer o próprio preconceito e pedir desculpas (imagens 2d e 2f, ambas em primeiro plano, levemente desfoçadas). Assim, é mostrada a recepção de uma cena pública a partir de um espaço doméstico, exemplificando, na construção técnico-estética de *O Brado Retumbante*, a aproximação constante das esferas pública e privada. Já em termos sonoros, a trilha musical lenta e dramática carrega a cena de solenidade e melodrama.

Dentro desta construção e da abordagem da minissérie para questões privadas de seu protagonista, no caso sua relação com a filha transexual, há a preocupação com noções que dizem respeito a problemáticas coletivas e que dialogam com as análises de Kornis (2000) e Mungiolli (2009) sobre as especificidades das minisséries brasileiras, especialmente as produzidas pela Rede Globo, na construção de discursos sobre a identidade nacional. Ao mostrar um tema socialmente relevante e ainda pouco discutido na ficção televisiva, *O Brado Retumbante* reúne o debate de questões políticas e temas sociais que também possuem importância política, fortalecendo, através de sua personagem presidencial, a minissérie enquanto espaço de construção sobre o imaginário da ativi-

#### Imagens 2a a 2f. Julie assiste ao pronunciamento de Ventura



2a



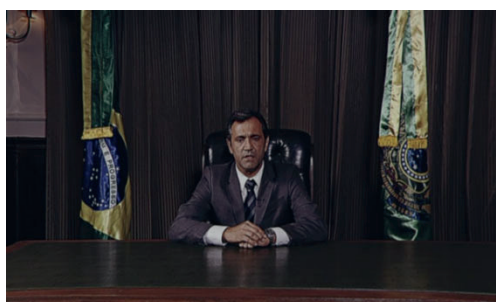
2b



2c



2d



2e



2f





dade política e dos políticos brasileiros, por meio de um enfoque realista e melodramático. Neste espaço, também estão presentes elementos do cotidiano nacional, desde questões sociais, como a homofobia sofrida pela filha do presidente, até questões éticas, como a corrupção na política que Ventura se dedica a combater.

A inclusão de discussões de relevância social a partir da esfera privada de um protagonista político também está presente em outras minisséries. Em *JK* (Maria Adelaide Amaral, 2006), por exemplo, a abordagem do processo de instauração da Lei de Adoção, durante o governo de Juscelino Kubitschek, mescla uma questão pública com a vida familiar do presidente, que tinha uma filha adotiva (FEITOSA, 2012).

Pensando na minissérie como uma produtora de representações sobre a realidade sociopolítica brasileira, é possível considerar o tratamento da transexualidade da filha de Ventura como uma problematização pública de uma questão privada, que mostra como as duas esferas podem se influenciar. Esse tratamento dialoga com a preocupação constante de *O Brado Retumbante* de pensar, através de Ventura e de suas instâncias públicas e pessoais, a atuação política institucional diretamente ligada às relações sociais e familiares.

Após a resolução da situação com sua filha e do conflito na fronteira com a Bolívia do Sul, Ventura enfrenta outros reveses na política e na família. Ele sofre uma tentativa de *impeachment*, articulada por seus inimigos, que criaram falsas contas no Uruguai em seu nome; a ação é frustrada com a descoberta dos responsáveis pelo complô e o arquivamento do pedido de *impeachment*. No entanto, no âmbito particular, o presidente tem uma surpresa: o fim do seu casamento. Antonia diz a ele que tem um caso com um escritor argentino e que quer a separação.

Desolado, inconformado e bêbado, Ventura vai até o apartamento da esposa dias depois, e a firmeza dela em continuar com a separação faz com que o presidente solitário e deprimido se isole na ala residencial do palácio, trocando a agenda

presidencial pela bebida, o pijama e a barba por fazer. O tempo passa e o isolamento continua, sendo rompido apenas pela decisão de Ventura de criar uma agenda de última hora em Buenos Aires para poder se reencontrar com Antonia, que se mudou para a capital argentina. O presidente começa a beber já na celebração do acordo comercial com o chefe de Estado do país vizinho, comete uma gafe no evento e sai rapidamente, ansioso por rever a esposa em seu hotel.

A sequência analisada é dividida em duas partes, separadas por uma pequena cena que mostra o pronunciamento do presidente interino, Flórida Pedreira, presidente da câmara dos deputados e adversário político de Ventura, cercado pela esposa e pelos filhos. A primeira parte da sequência retrata, em 1min40s, a solidão e tristeza do presidente em uma espera que parece eterna, enfatizando o sentimento de abandono. Os primeiros planos no personagem, com fundo desfocado, exibem os sentimentos dele (Imagens 3a a 3c), que se tornam mais sombrios na contraluz em plano americano (Imagem 3d). Sozinho no quarto de hotel, Ventura espera por Antonia bebendo vinho, quando a campainha toca e sua alegria por revê-la (Imagens 3e a 3g, que nos mostram o imaginário do personagem, em contra plano), rapidamente desaparece; ele percebe que se tratava de um de seus seguranças (Imagens 3h e 3i), que diz que foram detectados fotógrafos na vizinhança e pede licença para fechar as cortinas do quarto. A sequência inicial fecha com o primeiro plano do desiludido presidente (Imagem 3j), que havia criado um pretexto (viagem internacional) para tentar se reaproximar da esposa. Em termos sonoros, a cena alterna o efeito de silêncio que acentua o drama da espera de Ventura, quebrado apenas pelo tilintar da taça de vinho, com uma breve trilha instrumental dramática quando o presidente acredita ver Antonia em frente à porta do quarto. Quando ele percebe o engano, a trilha rapidamente desaparece, dando lugar ao efeito de silêncio e ao semblante melancólico do homem abandonado.



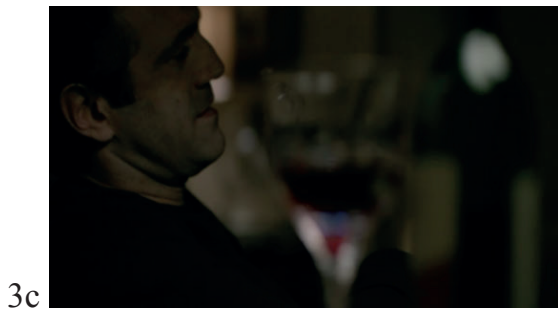
Imagens 3a a 3j. Ventura no quarto de hotel – esperando Antonia



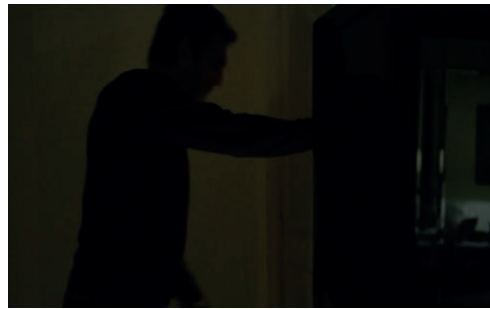
3a



3b



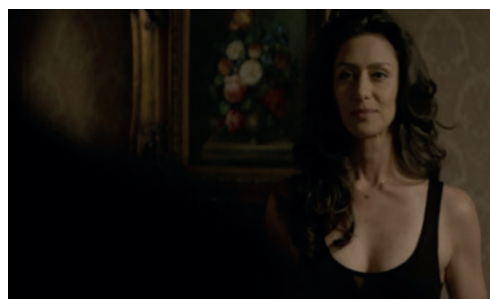
3c



3d



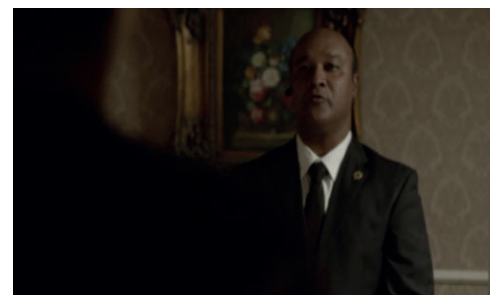
3e



3f



3g



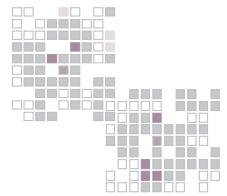
3h



3i



3j



Na segunda parte da sequência, a passagem de tempo é representada por um relógio (Imagem 4a) e pela imagem de Ventura deitado na cama, esperando em vão por Antonia. Ele liga para ela, sem resposta, bebe mais vinho e então desiste – avisa sua equipe que é hora de voltar ao Brasil –, deitando-se na cama novamente, resignado (Imagens 4b a 4f). Esta cena insere Ventura em uma construção como homem e presidente cordial a partir da definição de *homem cordial* de Buarque de Holanda (1995): além de emotivo, informal e disposto a aprender com os próprios erros, como quando pediu desculpas publicamente à filha pelo seu preconceito, ele é cordial no pavor em viver consigo mesmo.

Acompanhado apenas pela garrafa de vinho em um quarto de hotel, o presidente é o homem abandonado, a vítima solitária que vê na bebida um refúgio, e cuja solidão é dramatizada pela trilha sonora instrumental e pela imagem que, tanto

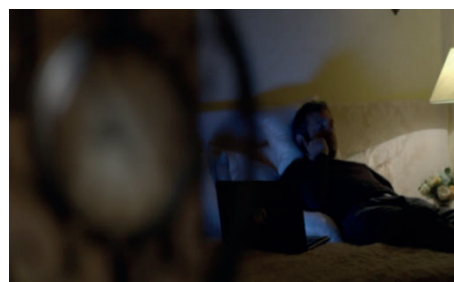
próxima quanto distante dele, o coloca no centro, reforçando o sentimento de deriva. As imagens de 4b a 4d ainda procuram dar a ele um pouco de protagonismo na cena, mas as duas imagens seguintes (4e e 4f), mostram-no completamente isolado, reenquadrado a partir da porta do quarto, e, com isso, tornando esse ser social minúsculo diante da sua dor privada.

Essa representação, que contrasta com as cenas em que ele se mostra heroico, deixa claro o quanto esse homem privado precisa ultrapassar seus limites para poder se tornar um ser público realmente digno de sua nova função social. Em sua trajetória política, Ventura muitas vezes flerta com o que Arendt (2008) destaca como um comportamento apolítico, de excessiva valorização de assuntos pessoais em detrimento de questões coletivas, como ao utilizar uma viagem de Estado a outro país como pretexto para tratar de um problema pessoal.

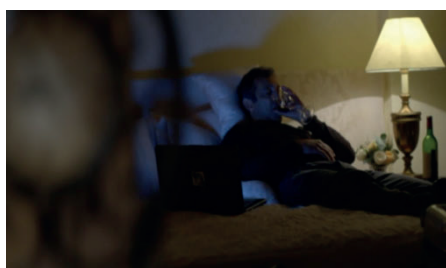
Imagens 4a a 4f. Ventura desiste – Antonia não vem



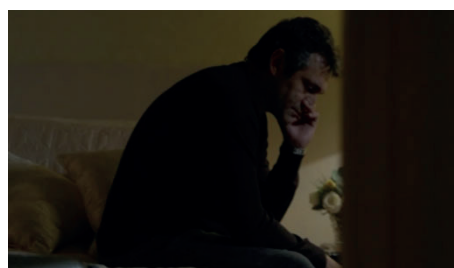
4a



4b



4c



4d



4e



4f



Também é possível relacionar a representação da solidão de Ventura pós-separação com a análise de Sennett (2014) sobre o desenvolvimento das noções de público e privado e a eclosão do chamado declínio do homem público. Com a demanda por maior liberdade surgida no século XVIII, segundo Sennett, o equilíbrio entre o público como *criação* humana e o privado como *condição* humana fragilizou-se e deu lugar ao esvaziamento da vida pública. Esse aumento do intimismo fundiu de maneira indissociável o comportamento público e a personalidade privada, gerando uma preocupação maior com as necessidades individuais em detrimento das noções coletivas. É em tal contexto intimista e de dificuldade de interações sociais complexas que se desenvolve a confusão de Paulo Ventura entre seu comportamento enquanto homem público e marido abandonado, uma confusão que causa tristeza e afeta seu desempenho como presidente, além de mostrar o reflexo dos processos históricos e sociais na representação da minissérie sobre o comportamento de um homem público.

### Considerações Finais

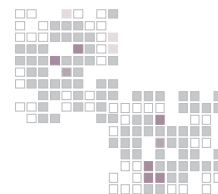
Neste artigo, problematizou-se a relação entre esfera pública, política e as noções de público e privado a partir da figura presidencial de Paulo Ventura, na minissérie *O Brado Retumbante*, enquanto indivíduo, a fim de analisar a construção de um discurso sobre a política. Essa problematização permitiu o desenvolvimento de reflexões sobre questões históricas, sociais e políticas, como o processo histórico de esvaziamento da esfera pública, que a minissérie reflete na construção da faceta privada do presidente.

Através dos diversos conflitos pessoais que Ventura enfrenta, a construção visual e sonora da minissérie investe em pontos como a presença de uma trilha sonora com tons frequentemente dramáticos e a ênfase, a partir dos primeiros planos, nas expressões de tristeza das personagens,

principalmente durante os pronunciamentos presidenciais de Ventura e em episódios críticos de sua vida pessoal, como a hospitalização da filha Julie após ser agredida pelo namorado de uma amiga, e os momentos de solidão do presidente depois que se separa de Antonia. Com isso, o dramático acentua o cotidiano turbulento enfrentado por Ventura, tanto em termos políticos quanto pessoais.

Seguindo uma tendência de unificação, sempre que possível, das dimensões pública e privada do seu protagonista, *O Brado Retumbante* investe na construção de uma personagem presidencial cuja essência é um homem comum que se torna presidente por uma fatalidade, e pauta sua atuação política pela honestidade, pela simplicidade e pela força de caráter que exigem que o pai e o esposo se comportem da mesma forma que o presidente da república. Com essa dinâmica, a minissérie privilegia uma construção melodramática e heroica sem maiores dubiedades e complexidades, a não ser pretensos defeitos de caráter de Ventura - preconceito com o filho homossexual e que se assume como transexual, traições, gosto pela bebida -, que parecem estar ali apenas para dar a chance de ele mudar, de se tornar um homem e um presidente melhor.

Tal construção não é gratuita: está conectada com um processo sociopolítico de valorização do indivíduo em detrimento da sociedade, que opera dentro da construção da imagem pessoal das pessoas públicas, colocando em segundo plano suas personalidades políticas, em termos públicos e coletivos, muitas vezes valorizando questões privadas no lugar de processos relacionados a grupos - o apolítico versus a política. E este processo também ganha espaço, como demonstra o caso de *O Brado Retumbante* e seu protagonista presidencial, na ficção seriada nacional, dentro de uma tendência de fundir, de forma naturalizada, os lados público e particular de suas personagens políticas.



Tal tendência se inclui em um discurso sobre a temática política que, nas minisséries brasileiras, especialmente as produzidas pela Rede Globo, passa pela construção de sentidos sobre a identidade nacional a partir dos modelos realista e melodramático (KORNIS, 2000). Estes modelos fazem uma ponte entre ficção,

cotidiano e realidade, como destaca Mungio-  
li (2009). Dessa maneira, em *O Brado Retum-  
bante*, a representação da identidade nacional  
funde questões públicas e privadas através da  
figura presidencial heroica e atribulada de Pau-  
lo Ventura, um homem público indissociado de  
sua dimensão individual.

## REFERÊNCIAS

ARENDETT, Hannah. *A promessa da política*. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAPIASSU, Daniel. 'Querida, sim, criar um herói nacional', diz roteirista de 'O Brado Retumbante'. O Estado de São Paulo, 23 jan. 2012. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,queria-sim-criar-um-heroi-nacional-diz-roteirista-de-o-brado-retumbante-imp-,826092>. Acesso em: 18 mai. 2016.

KORNIS, Mônica Almeida. *Uma história do Brasil recente nas minisséries da Rede Globo*. São Paulo: USP/Escola de Comunicação e Artes, Tese de Doutorado, 2000.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Produção de Sentido de Nacionalidade na Minissérie Queridos Amigos. *Revista Rumores* – v.1, ed. 6, setembro-dezembro 2009.

O Brado Retumbante. Autoria: Euclides Marinho, Denise Bandeira, Guilherme Fiuza, Nelson Motta. Direção: Gustavo Fernandez e André Felipe Binder. Rio de Janeiro, Rede Globo, 2012.

PINHEIRO, Ibsen. *Brado redundante*. Zero Hora, 31 jan. 2012. Disponível em: <http://pmdb.org.br/artigos/brado-redundante/>. Acesso em: 18 mai. 2016.

SENNETT, Richard. *O Declínio do homem público*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

